



O Ideário Patrimonial О идеарио

*O Carácter Epistemológico da
Cultura*



www.cta.ipt.pt

N. 13 // dezembro 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

EDITORES

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor José d' Encarnação, Universidade de Coimbra

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar

Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro

Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora

Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova

Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal

Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem© | Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

LATINDEX folio n° 23591

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



Índice

EDITORIAL	06
ARA DEDICADA A JÚPITER IDENTIFICADA EM CÁRQUERE (RESENDE) José d'Encarnação & Carla Vicente	08
O PAPEL ENQUANTO SUPORTE GRÁFICO - BREVES NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO - Joaquim Pombo Gonçalves	20
PARADIGMI VISIVI E PROCESSI COGNITIVI Massimo Squillacciotti	33
I COLORI DEL SOGNO DI GATSBY: PROPOSTA DI ANALISI SEMIÓTICA Paola Tinè	41
LENDAS E MITOS RURAIS E URBANOS DE MOÇAMBIQUE (UM MUNDO EM EXTINÇÃO?) Marco Valente	49
DIMENSÕES ENTRE A MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL: CAMINHOS E TRANSFORMAÇÕES José Antônio de Sousa	73
DIDÁCTICA, ARQUEOLOGÍA PÚBLICA Y EDUCACIÓN PATRIMONIAL EN EL PARQUE MUSEO ARQUEOLÓGICO DE TUNJA – UPTC Laura López Estupiñán	87
DISCONTINUITÉ DE L'AUTHENTICITE OU AUTHENTICITE DE LA DISCONTINUITÉ? MARRAKECH A L'ÉPREUVE DU TOURISME DE MASSE Khalid El Housni, Nabil Oursafi, Larbi Safaa, Faysal Lemjidi	99
L'INTERPRÉTATION DU PATRIMOINE: DU CONCEPT A L'INSTITUTION - LE CAS DU MAROC Mohamed Lazhar	114
PLACE JAMAÄ EL FNA À MARRAKECH: D'UN ESPACE UTILITAIRE À UNE VALEUR PATRIMONIALISÉE Mina El Hilali	128
UNE ÉTUDE LONGITUDINALE DE LA CLASSIFICATION DES HÔTELS SUR TRIPADVISOR. VERS UN CHANGEMENT DES STRATÉGIES DE COMMUNICATION POUR UN MANAGEMENT EFFICACE DE LA E- REPUTATION, APPLICATION AU SECTEUR DE L'HOSPITALITY AU MAROC Youssef El Azyzy	154



EDITORIAL

Os dois primeiros artigos (*Ara Dedicada a Júpiter identificada em Cárquere (Resende)*; *O Papel enquanto Suporte Gráfico - breves noções de conservação* –), ainda sobre temáticas diversas, debruçam-se sobre o valor inestimável da Epigrafia, transportando-nos para uma realidade dos tempos da ocupação Romana; enquanto, para por essa mesma razão a Conservação, Restauro e Arquivística empresta quer à História, quer à Pré-História, uma mais-valia no tocante às descobertas colocadas à vista através do suporte que minimiza prejuízos, que fariam parte do silêncio da escrita.

Já os dois artigos seguintes debruçam-se sobre correntes teóricas das Ciências Humanas e das Artes (*Paradigmi Visivi e Processi Cognitivi*; *I Colori del Sogno di Gatsby: Proposta di Analisi Semiótica*), revestindo-se de um cariz paradigmático, relativamente à imagem e à leitura, nos quais existe lugar para perspetivas cognitivo-filosófico.

Lendas e Mitos Rurais e Urbanos de Moçambique (Um Mundo em Extinção?) leva-nos para um Universo Imaginário, utilizando metodologias próprias desta área do Conhecimento, totalmente preenchido pelo afã na Protecção e Preservação do Património Imaterial da República Moçambicana.

Os artigos seguintes valem pela variada aproximação à Museologia, ao Património e ao Turismo no Brasil, na Colômbia e em Marrocos (*Dimensões entre a Museologia e Educação Patrimonial no Brasil: Caminhos e Transformações; Didáctica, Arqueología Pública y Educación Patrimonial en el Parque Museo Arqueológico de Tunja – UPTC; L'Interpretation du Patrimoine: du Concept a L'Institution - Le Cas du Maroc; Place Jamaä el Fna à Marrakech: d'un Espace Utilitaire à une Valeur Patrimonialisée*); *Une Étude Longitudinale de la Classification des Hôtels sur TRIPADVISOR. vers un Changement des Stratégies de Communication pour un Management Efficace de la E-Reputation, Application au Secteur de L'Hospitality au Maroc*). Qualquer um destes artigos aborda a Salvaguarda e Protecção dos Patrimónios, com base em correntes teóricas diversas, neles incluindo o factor económico que alavanca as economias locais de cada País.



20 de Dezembro de 2019
Ana Cruz

**DIDÁCTICA, ARQUEOLOGÍA PÚBLICA Y EDUCACIÓN PATRIMONIAL EN EL
PARQUE MUSEO ARQUEOLÓGICO DE TUNJA – UPTC**

**DIDACTIC, PUBLIC ARCHAEOLOGY AND HERITAGE EDUCATION IN THE
PARK ARCHEOLOGICAL MUSEUM OF TUNJA
– UPTC**

Recebido a 15 de outubro de 2019
Revisto a 20 de novembro de 2019
Aceite a 06 de dezembro de 2019

Laura López Estupiñán

Directora Parque Museo Arqueológico de Tunja – UPTC
Docente Escuela de Ciencias Sociales de la UPTC
Tunja, Boyacá, Colombia
laloes2@gmail.com / laura.lopez12@uptc.edu.co

**Marcela Parra, Edward Hernández, Luisa Martínez,
Jaime Benavides, Daniela Ramos**

Estudiantes Escuela de Ciencias Sociales de la UPTC
dianaparra230@gmail.com | hernandez0694edwardb@gmail.com | luisamjo65@gmail.com |
jai.benagz@gmail.com | milena96ramos@hotmail.com

Resumo

Este artigo é produto de uma experiência participativa que permitiu a abordagem da população estudantil universitária e escolar à Arqueologia durante os anos de 2016 e 2019. O modelo construtivista é estabelecido como eixo central, procurando refletir sobre a relevância, vinculação e geração do conteúdo, contextualizado na escola. É dada maior importância à teoria da aprendizagem significativa, refletindo sobre a necessidade de conhecer o conhecimento prévio dos estudantes visitantes, com a finalidade de articular o conteúdo do museu por meio de estratégias didáticas que potencializam os processos de leitura-escrita, experimentação e compreensão do passado. Os resultados apoiam a função educativa do museu como um cenário que convida diálogos entre bebês, estudantes, professores e entidades museológicas, permitindo ampliar o leque da Arqueologia Pública e aprofundar os processos reflexivos da Educação Patrimonial nos Museus.

Palavras-chave: Didática, Arqueologia Pública, Educação Patrimonial, Museu.

Resumen

Este artículo es producto de una experiencia participativa que permitió el acercamiento de la población estudiantil universitaria y escolar a la arqueología durante 2016 y 2019. Se establece como eje central el modelo constructivista, buscando reflexionar en la pertinencia, vinculación y generación de contenidos contextualizados en la escuela. Se otorga mayor relevancia a la teoría del aprendizaje significativo, reflexionando en la necesidad de conocer los conocimientos previos de los alumnos visitantes, para así articular los contenidos del museo mediante estrategias didáticas que potencialicen los procesos de lecto-escritura, experimentación y comprensión del pasado. Los resultados respaldan la función educativa del museo como escenario que invita a diálogos entre los infantes, estudiantes, profesores y entidades museales, permitiendo ampliar el campo de acción de la arqueología pública y ahondando en los procesos reflexivos de la educación patrimonial en los museos.

Palabras claves: Didáctica, Arqueología Pública, Educación Patrimonial, Museo.

Abstract

This article is the product of a participatory experience that allowed the approach of the student population to public archeology during 2016 and 2019. The constructivist model is established as the central axis, seeking to reflect on the pertinence, linkage and generation of content contextualized in the school. Greater relevance is given to the theory of meaningful learning, reflecting on the need to know the previous knowledge of visiting students, in order to articulate the contents of the museum through teaching strategies that potentiate the processes of reading-writing, experimentation and understanding of the past. The results support the educational function of the museum as a scenario that invites dialogues between children, students, professors and museum entities, allowing broadening the field of action of public archeology and delving into the reflective processes of patrimonial education in museums.

Keywords: Didactics, Public Archeology, Heritage Education, Museum.

1. Didáctica, arqueología pública y educación patrimonial en el Parque Museo Arqueológico de Tunja – UPTC

Con el establecimiento de la República liberal en Colombia, la década de los 30 muestra grandes transformaciones de orden político en el país, entre ellas, el reconocimiento, estudio y apropiación del patrimonio arqueológico, especialmente en los temas de divulgación iniciados en las instituciones educativas formales, tales como universidades. Ante la situación, el Parque Museo Arqueológico de Tunja no se queda atrás, nace de los procesos investigativos históricos y arqueológicos realizados en la única universidad pública del departamento de Boyacá, la Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia - UPTC. Como museo universitario, arqueológico y regional, recibe principalmente a la población escolar del departamento, caracterizada por ser rural y de contextos diferenciales en edades, modelos educativos y experiencias significativas de aprendizaje.

Sin embargo, las exposiciones permanentes no estaban pensadas para este tipo de público, los lenguajes empleados en los guiones estaban pensados para un público especializado, las vitrinas eran altas, los recorridos y temáticas eran extensas y no vinculaban el trabajo con niños. El panorama era el de un museo especializado no pensado para niños, pero con el 80% de visitantes infantes en su población. Un primer diagnóstico fundamentado en la revisión a los libros de visitas del Parque Museo que las instituciones educativas de la región son la principal población visitante. El principal motivo de su visita es de tipo académico, así que las fotografías a los paneles, los cuadernos de notas y la compañía de algunos profesores son frecuentes. “Al hacer una evaluación del recorrido y las guías se evidenció la dificultad de los niños para entender lo expuesto, ya que se utilizaba un lenguaje técnico e ininteligible, tanto por parte del guía como en la museografía” (Parra, 2019, p. 38).

La situación permitió iniciar un proceso investigativo, participativo y co-elaborado que facilitara pensar, diseñar y aplicar didácticas que se articularan a los procesos educativos de las instituciones de la región, las cuales permitiesen fortalecer los procesos de arqueología pública iniciados por el Museo Arqueológico de Tunja desde su inauguración en 1990. Durante el proceso se vincularon siete pasantías de estudiantes de la Facultad de educación de la UPTC (Acosta, 2018; Alvarado, 2019; Hernández, 2019; Huertas, 2019; Martínez, 2019; Noy, 2018; Orjuela, 2018), una pasantía empresarial, un trabajo de grado (Parra, 2019), ocho becas trabajo, dos becas de fomento a la investigación ICANH (Quiroz & López, 2018; Orjuela, 2019), una beca de estímulos del Ministerio de Cultura (Resolución 2059 de 2019) y cerca de 300 estudiantes del curso Arqueología y patrimonio de la Licenciatura en Ciencias Sociales de la UPTC. Como resultado, se crearon estrategias didácticas diferenciales que permiten articular la arqueología, los lineamientos curriculares del Ministerio de Educación Nacional y los Derechos Básicos de Aprendizaje –DBA- de la educación básica por parte de estudiantes de la Licenciatura en Ciencias Sociales de la UPTC y la dirección del Museo Arqueológico de Tunja.

2. Los Museos en Colombia

El interés por salvaguardar y exhibir el patrimonio en Colombia se origina con la creación del Museo Nacional el 28 de julio de 1823. Por primera vez, el Museo abre al público el 4 de julio de 1824, donde el entonces vicepresidente de la República, General Francisco de Paula Santander, lo declaró oficialmente creado. Su primera sede fue la antigua casa de la expedición botánica, también conocida como casa de los secuestros. Su fin era exhibir la colección de historia natural reunida por José Celestino Mutis, durante los viajes que realizó

por el entonces territorio de la Nueva Granada (Museo Nacional de Colombia, 2008). Más adelante se suman otras piezas de carácter arqueológico, histórico, artístico y para el 2008, sus colecciones ascienden a más de 20,000 objetos, entre los que se encuentran vestigios de los primeros pobladores, testimonios de los diferentes periodos de la historia patria, manifestaciones artísticas desde la colonia hasta el presente, etnografía indígena y afro colombiana.

Sin embargo, pasaron muchas décadas sin que surgieran otras iniciativas relacionadas. En 1881 se crea el Museo de Antioquia, entidad que exhibía objetos testimonio de diferentes momentos históricos, tales como piezas de arte precolombino, rocas, minerales, colecciones numismáticas, algunos retratos de próceres y otros objetos curiosos. A comienzos del siglo XX (1900-1940), se crean otros 20 museos, 13 de ellos con colecciones de ciencias naturales, fundados en su mayoría por instituciones educativas, colegios de comunidades religiosas o Universidades, quienes lo utilizaron como una herramienta de apoyo para la educación de sus estudiantes. En la década de los 50 aparecen los museos de arte, pero solo hacia 1970 esta tendencia se afianza. El Museo Nacional recalca que la gran mayoría de estas instituciones dependen de entidades privadas sin ánimo de lucro, creadas específicamente para este fin, lo cual contribuye en gran medida a garantizar su permanencia. Entre los 80s y 90s, se presenta un notable crecimiento en el número de museos, principalmente con colecciones históricas y arqueológicas. Durante esta época, aparecen los museos interactivos como escenarios educativos, en Colombia aparece el Museo de la Ciencia y el Juego como iniciativa de la Universidad Nacional en 1984, experiencia que generó la creación de más museos de este tipo, los cuales están dirigidos en especial a un público infantil y juvenil, usando la interactividad como medio para acercar al público a la ciencia.

En 1997 se crea la Ley General de Cultura y se establece que el patrimonio arqueológico es inalienable, imprescriptible e inembargable y pertenece al Estado, razón por la cual las entidades públicas deben garantizar su conservación en casas de la cultura o museos públicos (Ley 1185 de 2008). Dicha situación, genera inestabilidad administrativa por el hecho de estar sujetos al cambio de los poderes locales y por supuesto, al presupuesto que destinan los mismos para su funcionamiento. Esta situación no es ajena a las inestabilidades administrativas y financieras de los museos universitarios en Boyacá, pese a estar adscritos a facultades y vicerrectorías, los museos no cuentan con el personal necesario para su funcionamiento y los directores, que también son docentes, deben recurrir a estrategias de sostenibilidad con los estudiantes.

La Ley 397 de 1997 (Ley General de Cultura), señala que “la política estatal en lo referente al patrimonio cultural de la nación tendrá como objetivos principales la salvaguardia, protección, recuperación, conservación, sostenibilidad y divulgación de este, con el propósito de que sirva de testimonio de la identidad cultural nacional, tanto en el presente como en el futuro”. Designa al Museo Nacional como ente rector de los museos públicos y privados, sus funciones están encaminadas a dar cumplimiento a los artículos 49 a 55 en los que se legisla acerca del desarrollo de los museos. Entre sus muchas funciones se encuentra el fomento de los museos del país, la investigación científica e incremento de las colecciones, la protección y seguridad del patrimonio cultural que albergan los museos, el control de las colecciones y gestión de los museos públicos y privados, la generación de recursos para la financiación de las actividades de los museos, entre otros no menos importantes. Para tal labor se crea la Red Nacional de Museos, programa que viene adelantando acciones que tienden a conocer el sector museos del país.

3. El museo como escenario educativo

Actualmente los museos son considerados una institución fundamental en el campo educativo, cada vez son más los espacios museísticos destinados a talleres y actividades para niños, jóvenes y adultos, quienes cautivados ante inusuales y “exóticos” objetos buscan una forma inteligible de acceder a su conocimiento. En un corto recorrido a través del tiempo, Núñez (2008) indica que los museos abren sus puertas al público en el siglo XVIII, limitando el acceso a las colecciones para los visitantes de las cortes y gobiernos; allí se relataban las conquistas imperiales y se mostraba la riqueza de las colonias conquistadas. Luego, en el siglo XIX y comienzos del XX, los estados nacionales tomaron el museo como medio para la educación de la historia de las sociedades y culturas. En este periodo de consolidación del Estado Nación, el objetivo de la educación fue acompañar el progreso social, forjando una identidad para los ciudadanos desde las instituciones culturales (Conforti, 2010). Lo expuesto, evidencia el rol del Estado en la organización y control del sistema educativo y de sus prácticas, de ahí que los contenidos de los textos, la formación de docentes y los currículos, sean regulados por el Estado.

No obstante, otros antecedentes coinciden en expresar como decisivo los comienzos de los 70, cuando surgen críticas desde distintas posiciones ideológicas que ponen en duda la eficiencia de los sistemas educativos formales. Como resultado de una profunda revisión a sistemas educativos formales de numerosos países, se redescubren otras formas de educación no excluyentes, sino complementarias, tales como la educación formal (integrada al sistema educativo oficial, gradual y jerarquizado), la educación no formal (llevado a cabo por grupos, personas o entidades identificables y reconocidas que no otorgan directamente grados o titulaciones) y la educación informal (conocido como el proceso a través del cual las personas adquieren actitudes, valores y conocimientos a través de su experiencia cotidiana y de los recursos del entorno) (Zabala & Roura, 2006).

A la vez, se replantea la clásica concepción de museo, considerado hasta el momento como un espacio de deleite, redefiniéndose como centro de aprendizaje (López, 2001). De este modo, los visitantes se convierten en el núcleo central de la función social del museo y no precisamente con la intención de llenar las instalaciones de personas, sino con la intención de conocer los visitantes y sus necesidades. El interés por atribuir una definición al museo surge a partir de la creación del Consejo Internacional de Museos –ICOM– en 1946. A raíz de la crisis general de las viejas instituciones de Europa, el ICOM también sufre una crisis de identidad entre 1971-1974, convirtiéndose en una organización de afiliación, en la que todos los miembros tenían la oportunidad de participar y ejercer influencia mediante el voto, situación evidente en la adscripción de miembros entre 1970, con 700 miembros y 2004, con 19,000 miembros.

Durante su evolución, el ICOM ha tenido la necesidad de replantear la definición de museo, no precisamente porque las anteriores se consideren erróneas, sino por los continuos cambios y necesidades que presenta la sociedad actual. Con ellos, el ICOM ha adquirido nuevas funciones, entre otras, la educativa, función ausente en la definición inicial de museo en 1946, cuando el museo tenía como únicas funciones las de adquirir, conservar y exponer. La definición actual considera que un museo es una institución permanente, sin fines de lucro, al servicio de la sociedad y de su desarrollo, abierta al público, que se ocupa de la adquisición, conservación, investigación, transmisión de información y exposición de testimonios materiales de los individuos y su medio ambiente, con fines de estudio, educación y recreación (Murphy, 2004).

Lo anterior, permitió establecer cinco funciones básicas del museo, entre las que se encuentran coleccionar, investigar, conservar, comunicar y exhibir. Estas funciones del museo son ejecutadas con fines de estudio, educación y deleite, consideradas por López (2001) como misiones sociales. Los fines de estudio señalan al museo como institución académica, cuya función básica es contribuir al desarrollo del conocimiento en el campo de su disciplina. Estos fines se orientan a apoyar el desarrollo de la sociedad al cual sirve la entidad, ya sea mediante el ofrecimiento al público de instrumentos o servicios que permitan el desarrollo y perfeccionamiento de los valores (intelectuales, artísticos, culturales, ideológicos) de la vida en sociedad.

Para que esta entidad pueda cumplir sus cinco funciones básicas y sus tres fines, es necesaria una estructura de gestión y organización que le permita ejercerlas a cabalidad y que haga posible su mantenimiento (López, 2001), características que se cumplen en el Parque Museo Arqueológico de Tunja con la dirección y gestión de un docente y un grupo de apoyo de estudiantes vinculados a la Facultad de Educación de la UPTC.

4. Didáctica y arqueología pública en el Parque Museo Arqueológico de Tunja

El Parque Museo Arqueológico de Tunja de la UPTC, entidad museal certificada por el Ministerio de Cultura de Colombia, es un museo universitario de carácter regional que cuenta con una de las 23 áreas arqueológicas protegidas reconocidas por el Instituto Colombiano de Antropología e Historia mediante Resolución 291 de 2018, situación que le ha permitido posicionarse como uno de los museos más importantes de la región.

El Museo nace en 1990 como respuesta a la necesidad de divulgar los estudios culturales e históricos que surgieron en el contexto de las investigaciones arqueológicas realizadas durante la construcción de la UPTC (Pradilla, 2004; Villate, 1990). Aunque en sus 30 años ha desarrollado cerca de 27 proyectos de rescate arqueológico, más de 20 investigaciones y 32 exposiciones, los procesos de divulgación no habían vinculado la infancia como público predominante del museo y solo hasta 2017 el Parque museo inicia un proceso de creación, diseño e implementación de estrategias didácticas para públicos diferenciales por edades, temáticas y contextos.

Sin duda alguna, el Museo Arqueológico de Tunja ha sido un escenario educativo clave en los procesos de formación de licenciados de las Facultad de Ciencias de la Educación, así lo confirman los trabajos de grado, monografías, proyectos de investigación y manejo de colecciones articuladas a los procesos de divulgación en exposiciones itinerantes y permanentes del museo. Algunas de ellas han propuesto la modificación curricular para el área de ciencias sociales y su articulación a los programas de extensión cultural adelantados por el Museo Arqueológico de Tunja (Plata, 1995). También se propone un Parque museo de carácter regional, “abierto a diversas interpretaciones, a múltiples lecturas, a un sin número de recorridos y sobre todo a nuevos descubrimientos” (Museo Arqueológico de Tunja, 2005).

Ante la propuesta de Parque museo abierto y regional (Pradilla, 2006), los licenciados en formación recurren a la imagen y la iconografía como instrumento artístico y pedagógico que permite situar al visitante en un contexto arqueológico, posibilitando la interacción y el ejercicio de aula al aire libre (Torres, 2005; Morales, 2006). De igual manera, se propone una maleta didáctica que articule resultados investigativos de carácter arqueológico en Tunja

(Villabona, 2009; Zuluaga, 2010). Aunque las propuestas de los licenciados no caracterizaban una población específica, los ejercicios aplicativos permitirían confirmar su posible uso como didácticas en la consolidación de un proceso de arqueología pública para niños.

Con el traslado del museo a una sede mas amplia y con espacios para la conservación de colecciones, se inicio un proceso de investigación y reflexión del quehacer educativo y divulgativo del Parque museo. Desde 2017 se recurrió a otras didácticas de carácter experimental como arqueólogo por un día, talleres de conservación preventiva en patrimonio inmueble, apropiación y reconocimiento del patrimonio, talleres de pigmentos y cerámica. El ejercicio permitió vincular los diversos públicos en los procesos educativos del museo y repensar un escenario mas incluyente en la consolidación del nuevo Parque museo.

Para ello, la teoría del aprendizaje significativo sugirió la necesidad de saber si los visitantes sabían que era la arqueología, el patrimonio y que idea tenían acerca de los museos. El uso de redes sociales, carteleras y encuentros de retroalimentación en las instituciones educativas de la región permitieron conocer los imaginarios y concepciones de los visitantes frente a ¿qué es la arqueología?, ¿qué es el patrimonio? y ¿cómo quisieras ver el nuevo museo?. La sistematización permitió conocer cuáles eran las definiciones de patrimonio y de arqueología. En cuanto al patrimonio, los visitantes coincidieron en definirlo como una herencia o riqueza, mientras algunos hacían énfasis en aquello que conocemos como patrimonio familiar, otros llegaban a definirlo como algo valioso para la identidad (Parra, 2019).

A la pregunta ¿cómo quisieras ver el nuevo museo?, fue reiterativa la solicitud de “fotografías, no réplicas, organización de talleres, ilustraciones, un museo más grande en el que se aprenda mucho, que use nuevas tecnologías y hagan del museo un lugar más interactivo” (Parra, 2019). Ante el panorama, se recurrió al origen etimológico de la didáctica, muy relacionado con los verbos enseñar, instruir y exponer con claridad, los cuales están relacionados con el deseo de un museo que enseñe y exponga con claridad, con lenguajes más comunes y menos especializados. Para lograrlo, se recurrió a la didáctica como “ciencia de la educación que estudia e interviene en el proceso de enseñanza-aprendizaje con el fin de conseguir la formación intelectual del educando” (Mallart, 2001, p. 6), permitiendo la consolidación del Parque Museo Arqueológico de Tunja como escenario educativo de la región.

En un inicio fue necesario pensar la infancia y reformular las guías para todo tipo de públicos, puesto que son consideradas una estrategia pedagógica para la enseñanza de la arqueología, permitiendo articular la teoría arqueológica con los imaginarios del pasado y las representaciones cotidianas. Es así como el museo se convierte en un puente comunicativo y didáctico entre el pasado y el presente, haciendo sentir a la arqueología más cercana y no en un pasado con el que el visitante no encuentra ninguna relación.

Las guías para primera infancia incluyeron el reconocimiento del cuerpo en las vasijas y esculturas, las posiciones de los enterramientos - sentado, fetal, acostado -, el reconocimiento de formas espirales, líneas, círculos y rombos en la cerámica, los ejercicios de concentración y atención mediante los recorridos, el manejo de tonalidades de voz -baja y alta-, la motricidad fina mediante ejercicios de arcilla y dibujo, la reflexión y el análisis frente a las practicas prehispánicas y las cotidianas. En el lugar se daba a conocer la forma de sus casas, su ropa, sus adornos y algunos de sus lugares más importantes, de modo que al final los niños jugaran a imitar algunos de los objetos que allí encontraron con plastilina y arcilla.

Para la segunda infancia se incluyó el dibujo con indicaciones que comprendían el completar una vasija, decorarla, realizar un dibujo grupal en cartelera que recreará un día entre los muiscas, también se integró la huerta demostrativa de alimentos prehispánicos mediante el reconocimiento del grupo de alimentos (granos, frutos, tubérculos, raíces) que ellos aun consumen y cultivan, dando a conocer las bondades de estos alimentos para la nutrición de las personas. Finalmente, las guías para jóvenes profundizaban en el trabajo interdisciplinar de la historia, arqueología, medicina, biología, odontología y agronomía, contextualizando el estudio del pasado en la UPTC.

Dentro de las observaciones y cuestionamientos realizados por la población infante visitante del Parque museo entre 2016 y 2017, fue evidente su insistencia por manipular objetos con las manos, por lo cual se creó una maleta didáctica que permitiese la manipulación de objetos y aprovechamiento de los materiales locales, elaboración y posible función (Alvarado, 2019). Otras didácticas que alimentan las visitas guiadas y visitas taller corresponden a la elaboración y aplicación de cuentos que articulan las investigaciones, objetos y recorridos (Parra, 2019).

Los recorridos a cielo abierto permitieron diseñar y montar un circuito expositivo en el área arqueológica protegida, cuyo eje transversal son la vida y la muerte de las comunidades prehispánicas que habitaron el altiplano cundiboyacense (Quiroz & López, 2018). El circuito permitió articular el área arqueológica al Parque museo mediante una exposición a cielo abierto con un lenguaje visual y textual más claro, concreto y cercano que facilitará el desarrollo de visitas autónomas, guiadas y visitas-taller, permitiendo continuar una diferenciación temática y generacional adecuada a diversos públicos.

Vincular la didáctica en los procesos educativos y de divulgación del Parque museo permite retomar los planteamientos de la arqueología pública, la cual indaga los múltiples posicionamientos de los arqueólogos y la arqueología en los conflictos derivados de los procesos de interpretación del pasado (Salerno, 2013), en las responsabilidades sociales, políticas de la arqueología y su relación con la educación. La experiencia no es nueva, Montenegro (2014) documenta experiencias en Suecia, Bolivia, Argentina y Brasil, expresando que “la arqueología pública puede vislumbrarse como un espacio para desarrollar propuestas didácticas que contribuyan a generar conocimientos sobre el pasado desde una perspectiva multivocal” (Montenegro, 2014, p. 31), buscando favorecer los procesos de construcción del patrimonio arqueológico en la escuela.

5. Pensar el Parque museo desde la educación patrimonial

Pensar la educación patrimonial en Colombia, trae consigo la revisión histórica de las apuestas educativas en los museos. A inicios del siglo XXI el Museo del Oro proponía que la divulgación de la arqueología debería promover la convivencia en Colombia, aceptando las diferencias culturales (Londoño, Therrien & Garzón, 2001), mientras que el Ministerio de Cultura, el Museo Nacional y la Red Nacional de Museos iniciaban en 2005 programas que facilitarían los procesos divulgativos y educativos bajo la fórmula “comunicación+educación en un museo”. Estas apuestas no estaban alejadas de las reflexiones lideradas por el Museo Arqueológico de Tunja, quien en 2006 realiza el primer seminario sobre Museos, educación y Patrimonio.

Considerar el museo como escenario educativo permite establecer argumentaciones pertinentes, tales como la preocupación por conocer al visitante, sus intereses y sus

necesidades. La búsqueda de estrategias para hacer más entendible el conocimiento que se quiere divulgar, entre las cuales están la creación de visitas taller con temas específicos. El hacer del museo una experiencia sensible, que haga parte del estar, que se vincule con los deseos y expectativas de los visitantes, que genere pasión y permita la familiarización con algunos objetos, personajes y técnicas utilizadas.

En el diagnóstico de Parra (2019), se reconoció el Parque museo como escenario necesario en el proceso de educación formal de las instituciones regionales, principalmente en los grados cuarto a séptimo de la educación básica, quienes en su búsqueda por comprender las culturas ancestrales que a la llegada de los españoles habitaban el territorio nacional, se convierten en los principales visitantes. Esta situación generó un proceso interdisciplinar de licenciados en formación de la Facultad de Educación que permitió articular los Derechos Básicos de Aprendizaje del Ministerio de Educación Nacional – MEN- en las visitas guiadas y visitas taller, mediante aproximaciones y ejercicios de experimentación fundamentados en los postulados de la educación patrimonial.

Montenegro (2012), reconoce acciones pedagógicas de transferencia, mediación cultural y comunicación social desde la arqueología social, las cuales a su vez permiten la construcción social del patrimonio mediante procesos educativos que vinculen la arqueología en contenidos educativos y curriculares. Ante la propuesta de Montenegro, el Parque museo comenzó un proceso de enseñanza-aprendizaje que implicó el diseño y experimentación de estrategias didácticas en la formación de licenciados en ciencias sociales de la UPTC, mediante el curso Arqueología y patrimonio. El éxito del proceso facilitó la creación de un Plan Educativo Institucional del Parque museo, el cual permite continuar los procesos educativos iniciados desde 2017.

Si bien, los museos son considerados escenarios de educación no formal (García, 2007), el Parque Museo Arqueológico de Tunja nace de procesos investigativos de la educación formal, especialmente de la Facultad de Educación de la UPTC. Pensar procesos divulgativos de las investigaciones y excavaciones arqueológicas realizadas por el Equipo de Arqueología, hoy Grupo Interdisciplinario de Investigaciones Arqueológicas e Históricas de la UPTC, era un desafío al momento de apertura del museo. Sin embargo los 30 años de funcionamiento, han permitido reconocerle como actor clave en los procesos educativos de la región, como puente entre la arqueología y la etnografía, es decir entre el pasado y el presente. Esta situación provocó la necesidad de articular los contenidos curriculares del curso Arqueología y patrimonio de la Licenciatura en ciencias sociales de la UPTC y los lineamientos curriculares del Ministerio de Educación de Colombia.

El proceso implicó un trabajo etnográfico reflexivo (Guber, 2011) y la replicación del método cualitativo propuesto por Montenegro (2012) en Argentina. Para ello, se generó un trabajo interdisciplinar entre arqueólogos, licenciados en formación de Ciencias Sociales y Artes Plásticas, permitiendo la creación de distintas guías y material didáctico según contenidos curriculares, derechos básicos de aprendizaje, edades y contextos de los visitantes. Tanto el diseño de las guías, como el diseño de la exposición se realizaron con el lenguaje más claro y concreto posible, representando un desafío para los creadores, por la simplicidad que implicaba. Si bien, cada uno de los participantes aportaba conocimientos disciplinares, hacer de un lenguaje técnico algo simple permitió comprender el Parque museo como escenario de aprendizaje significativo.

Incorporar la didáctica y la interpretación al estudio de los bienes patrimoniales es el objetivo de la educación patrimonial (Zabala, 2006), por eso estamos seguros que las visitas a

espacios patrimoniales como museos, áreas protegidas o sitios arqueológicos, se presentan como una oportunidad didáctica para promover el respeto por aquello que se conserva, encausando la puesta en valor de los bienes mediante los procesos de divulgación, apropiación y educación de una de las 23 áreas arqueológicas protegidas de Colombia.

Zabala y Roura (2006) aclaran que iniciar este proceso educativo implica adoptar un nuevo modo de considerar la acción del patrimonio transformándolo en un instrumento real de aprendizaje y no como un mero acto de brindar información. El proceso de transformación del patrimonio implica un proceso de activación que va de la mano con las sensaciones, las estéticas, emociones y vivencias que produce en la comunidad académica y los visitantes, dando un valor cultural, social, patrimonial e investigativo a ese patrimonio no monumental. El proceso es también un ejercicio de la educación patrimonial, la cual “no busca capacitar a las personas en temas específicos sino formar en valores, despertar inquietudes, promover la participación, la comprensión, el respeto y la valoración de lo que pertenece a todos y a partir de ello construir la identidad como comunidad” (Zabala & Roura, 2006, p. 235).

Es así como el Parque museo se consolida como un espacio de constante construcción individual y académica, ya que antes de pensarse un público visitante, primero se indaga, se replantea y se construye internamente entre los voluntarios, pasantes e investigadores, quienes continuamente están reformulando iniciativas, investigaciones y actividades que fortalezcan la función social del museo y sin duda la apropiación social del patrimonio.

Referencias

- Acosta, B. (2018). Las redes sociales como herramienta pedagógica en el proceso de puesta en valor de los sitios arqueológicos Goranchacha y Suhusymuy (Pasantía en Museo Arqueológico de Tunja, Licenciatura en Ciencias Sociales, UPTC, Tunja).
- Alvarado, A. (2019). Desde las artes plásticas, hacía un museo vivo (Pasantía en Museo Arqueológico de Tunja, Licenciatura en artes plásticas, UPTC, Tunja).
- Conforti, M. (2010). Educación no formal y patrimonio arqueológico: su articulación y conceptualización. *Intersecciones en Antropología* 11: 103-114. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179515632008>
- García, N. (2007). Arqueología y educación. Estado de la cuestión. *Revista Cuicuilco* 39: 203-226. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/351/35111319009.pdf>
- Guber, R. (2011). *La etnografía método, campo y reflexividad*. Siglo XXI, Buenos Aires.
- Hernández, E. (2019). Una propuesta a la divulgación del Parque Museo Arqueológico de Tunja desde la arqueología pública (Pasantía en Museo Arqueológico de Tunja, Licenciatura en Ciencias Sociales, UPTC, Tunja).
- Huertas, J. (2019). Relaciones de los estudiantes de la Escuela de Filosofía y el Museo Arqueológico de Tunja - Uptc (Pasantía en Museo Arqueológico de Tunja, Licenciatura en filosofía, UPTC, Tunja).
- Londoño, E., M. Therrien & F. Garzón (2001). La divulgación de la arqueología en el Museo del Oro: promover la convivencia en Colombia. *Boletín Museo del Oro* 48: 66-79. Recuperado de <https://publicaciones.banrepcultural.org/index.php/bmo/article/view/4860>

- López, F. (2001). Funciones, Misiones y Gestión de la entidad museo. En Museo Nacional de Colombia (Ed.), *Memorias del coloquios nacionales: La arqueología, la etnografía, la historia y el arte en el museo; desarrollo y proyección de las colecciones del Museo Nacional de Colombia*, 29-39. Bogotá, Ministerio de Cultura. Recuperado de https://www.academia.edu/1436085/Funciones_misiones_y_gesti%C3%B3n_de_la_entidad_museo_
- Mallart, J. (2001). Didáctica: concepto, objeto y finalidades. En F. Sepúlveda, & N. Rajadell (Eds.), *Didáctica General para psicopedagogos*, 23-57. UNED.
- Martínez, L. (2019). Un puente entre el pasado y el presente: Propuesta de dinamización de la exposición a cielo abierto Cercado Grande de los Santuarios. (Pasantía en Museo Arqueológico de Tunja, Licenciatura en Ciencias Sociales, UPTC, Tunja).
- Montenegro, M. (2012). Arqueología en la escuela: experiencias en el sector septentrional del noroeste argentino. *Chungara, Revista de Antropología Chilena* 44: 487-498. Recuperado de https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-73562012000300011
- Montenegro, M. (2014). Una experiencia de arqueología pública y colaboración intercultural en el sector septentrional de argentina. *Revista Arqueología Pública* 8: 26-43. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6467425>
- Morales, E. (2006). Inventario de diseños de las vasijas muiscas del Cercado Grande de los Santuarios – Museo Arqueológico de Tunja - UPTC (Trabajo de grado para optar al título de Licenciada en Ciencias Sociales, Facultad de Educación, UPTC, Tunja).
- Museo Arqueológico de Tunja - Uptc. (2005). Museo Abierto Arqueológico de Tunja, anteproyecto Museográfico.
- Murphy, B. (2004). La Definición del Museo. De una referencia para el especialista a un papel social. *Noticias del ICOM* (2), 3.
- Noy, L. (2018). Plan educativo institucional del parque museo arqueológico de Tunja. (Pasantía en Museo Arqueológico de Tunja, Licenciatura en Ciencias Sociales, UPTC, Tunja).
- Núñez, Angélica. (2008). La transmisión de saberes en el museo. *Decisio*: 14-18. Recuperado de https://www.academia.edu/3605763/La_transmisi%C3%B3n_de_saberes_en_el_museo
- Orjuela, J. (2018). “Graficas intérpretes del pasado” (Pasantía en Museo Arqueológico de Tunja, Licenciatura en Artes Plásticas, UPTC, Tunja).
- Orjuela, J. (2019). Imaginando el pasado con imágenes del ahora. Estímulo del Programa de Fomento a la Investigación del ICANH – 2019, Bogotá.
- Parra, D. (2019). La arqueología pensada para niños: una didáctica desde el museo arqueológico de Tunja (Trabajo de grado para optar al título de Licenciada en Ciencias Sociales, Facultad de Educación, UPTC, Tunja).
- Plata, M. (1995). Pedagogía y estrategia curricular (Trabajo de grado para optar al título de Licenciada en Ciencias Sociales, Facultad de Educación, UPTC, Tunja).
- Pradilla, H. (2004). Plan de publicaciones y difusión de las colecciones y estudios realizados por el Museo Arqueológico de Tunja, UPTC.

- Pradilla, H. (2006). ¿Qué queremos contar? Parque museo arqueológico de Tunja-UPTC. *Revista pensamiento y Acción* 13: 61-68.
- Quiroz, M. & L. López. (2018). Contrato estatal de financiamiento, n° 081 de 2018. Proyecto “Alcance de un proceso de puesta en valor en el área arqueológica protegida de la UPTC-Tunja”. Informe final del Proyecto. Tunja.
- Salerno, V. (2013). Arqueología Pública. Reflexiones sobre la creación de un objeto de estudio. *Revista chilena de antropología*, 27, 7-37.
- Torres, A. (2005). Representación escultórica de la fisonomía del hombre muisca y su tipo de vivienda según hallazgos arqueológicos en predios de la UPTC (Trabajo de grado para optar al título de Licenciado en Artes Plásticas, Facultad de Educación, UPTC, Tunja).
- Villabona, J. (2009). Experiencia de conservación y recuperación del espacio muisca Los cojines del zaque de Tunja (Trabajo de grado para optar al título de Licenciado en Artes plásticas. Facultad de Educación, UPTC, Tunja).
- Villate, G. (1990). Presentación. *Boletín Museo Arqueológico de Tunja Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia*, 1.
- Zabala, E. & I. Roura (ANO). Reflexiones teóricas sobre patrimonio, educación y museos. *Revista de Teoría y Didáctica de las Ciencias Sociales* 11: 233-261. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/652/65201111.pdf>
- Zuluaga, J. (2010). Diversidad de la fauna arqueológica de la UPTC Tunja, Boyacá, Colombia: Inventario de 4 sitios (Trabajo de grado para optar al título de Licenciada en Ciencias Sociales, Facultad de Educación, UPTC, Tunja).

